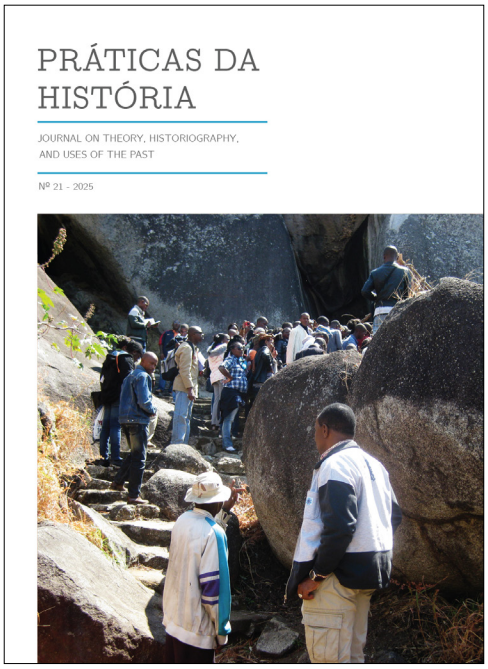


Recensão a *Jacques Le Goff. L'Italia e la storia. Atti del Convegno Internazionale di Studi (Roma, 4-5 giugno 2015)*, de Étienne Anheim, Massimo Miglio e Catherine Virlouvet, dir.

Felipe Brandi

Práticas da História, n.º 21 (2025): 391-399

www.praticasdahistoria.pt

This journal is funded by National funds through FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., under the projects UID/HIS/04666/2013, UID/HIS/04666/2019, UIDB/04666/2020 (https://doi.org/10.54499/UIDB/04666/2020), UIDP/04666/2020 (https://doi.org/10.54499/UIDP/04666/2020), UID/4666/2025 (https://doi.org/10.54499/UID/04666/2025), UIDB/04209/2020, UIDP/04209/2020, UID/4209/2025 (https://doi.org/10.54499/UID/04209/2025) and LA/P/0132/2020 (DOI: https://doi.org/10.54499/LA/P/0132/2020)

Étienne Anheim, Massimo Miglio e Catherine Virlouvet, dir.

Jacques Le Goff. L'Italia e la storia. Atti del Convegno Internazionale di Studi (Roma, 4-5 giugno 2015)

Roma: Istituto Storico Italiano per il Medioevo e École Française de Rome, 2017, 197 pp.

Felipe Brandi*

Jacques Le Goff amava a Itália. Desde a sua primeira estada romana, em 1950, manteve ao longo de toda a vida uma relação estreita e privilegiada com a península, um apego profundo que se reflete de forma constante na sua obra. Tendo-lhe fornecido temas inesgotáveis de investigação e reflexão, que alimentaram as suas pesquisas sobre a Idade Média, mas também todo um conjunto de interlocutores com os quais estabeleceu um diálogo intelectual destinado a prolongar-se por mais de meio século, a Itália representou, para Le Goff, não apenas um lugar de formação, mas igualmente um terreno de investigação e um meio de trocas científicas particularmente fecundas, no cerne da elaboração de vários dos seus livros. Muito mais do que simples parênteses académicos, as estadias de Jacques Le Goff em Itália constituíram verdadeiras experiências fundadoras, nas quais se cristalizaram interesses de investigação chamados a estruturar de forma duradoura a sua obra, alimentados pela frequência assídua de cidades como Roma, Veneza,

* Felipe Brandi (felipebrandi@fcsh.unl.pt). https://orcid.org/0000-0002-0947-7986 Instituto de História Contemporânea, Universidade NOVA de Lisboa/IN2PAST.

Florença, mas também Assis, Spoleto, Bari ou Bolonha, as quais lhe ofereceram um observatório privilegiado das formas urbanas medievais, das suas instituições, das suas práticas económicas e culturais. Dessa longa imersão, que se estende até à sua última visita ao país no ano 2000, emergiram algumas das linhas-mestras da sua reflexão historiográfica, desde os mercadores e banqueiros medievais até às universidades, das ordens mendicantes a São Francisco de Assis e ao nascimento do Purgatório, num percurso em que a descoberta apaixonada de um país e da sua cultura acabaria por fazer de Jacques Le Goff um dos historiadores estrangeiros mais admirados em Itália, com uma notoriedade que ultrapassou amplamente o círculo dos especialistas.

Autor de uma obra imensa, diversa, amplamente traduzida e internacionalmente consagrada, Jacques Le Goff encontrou na Itália o país onde teceu um companheirismo intelectual duradouro com historiadores que desempenhariam um papel central na sua trajetória, e onde o tipo de história que praticava foi objeto de uma das suas receções mais entusiásticas, como prova o facto, talvez surpreendente, de os seus livros em italiano superarem significativamente em número aqueles publicados no seu próprio país. Graças à visão e à audácia de alguns dos mais renomados editores italianos, logrou desenvolver projetos que marcaram época. Basta recordar a sua participação ativa na *Enciclopedia Einaudi* e na célebre coleção *Storia d'Italia*, dirigida por Ruggiero Romano e por Corrado Vivanti, ou ainda a direção que assumiu, com Franco Cardini, Enrico Castelnuovo e Giovanni Cherubini, do volume *L'Uomo medievale* e, com Cesare De Seta, de *La città e le mura*, ambos publicados pela Laterza, editora que desempenhou um papel central na difusão italiana da sua obra. Tornando-se um nome familiar aos leitores dos grandes diários italianos, como o *Corriere della Sera*, *La Stampa* ou *La Repubblica*, Le Goff parece ter alcançado em Itália um sucesso comparável àquele que o seu grande amigo Umberto Eco conheceu, por sua vez, em França. Aos olhos de numerosos colegas italianos, a sua obra representava uma abordagem menos institucional, menos centrada no acúmulo de erudição, mais próxima das ciências sociais e mais disposta a abrir-se a um público mais vasto, para além do âmbito académico.

Reconhecendo este lugar singular que a Itália veio a ocupar entre as múltiplas geografias intelectuais que estruturaram a carreira e a obra de Jacques Le Goff, o Istituto storico italiano per il Medioevo e a École Française de Rome organizaram, nos dias 4 e 5 de junho de 2015, um encontro frutífero que reuniu investigadores de ambos os lados dos Alpes, e cujo resultado é o livro *Jacques Le Goff. L'Italia e la storia*, organizado por Étienne Anheim, Massimo Miglio e Catherine Virlouvet. Publicado em 2017, o volume, que passou quase despercebido, está longe de se reduzir a uma simples celebração das trocas franco-italianas. Para além de explorar o papel da Itália como fio condutor da formação intelectual de um dos mais destacados historiadores do último século, apresenta, através da figura de Jacques Le Goff, um testemunho vivo do valor da interação transnacional na vida intelectual europeia, em que o cruzamento de fronteiras alimenta inspiração e produção científica, demonstrando como a circulação de ideias, temas de investigação e debates entre intelectuais de diferentes países da Europa é capaz de estimular novas perspetivas e expandir o conhecimento histórico. Reunindo contribuições de historiadores franceses e italianos, o volume propõe, não uma síntese temática, mas um retorno reflexivo sobre um longo itinerário intelectual, visando explorar, sob diferentes ângulos, a inserção de Le Goff no espaço intelectual italiano e o papel estruturante desse país na elaboração do seu pensamento historiográfico. Enquanto algumas intervenções remontam às suas estadias no país e ao seu uso dos arquivos italianos, outras debruçam-se sobre objetos emblemáticos da obra, destacando a forma como o terreno italiano serviu de enquadramento privilegiado à elaboração de alguns de seus mais famosos ensaios. No conjunto, forma-se assim um mosaico de leituras convergentes que privilegia a continuidade e a coerência de um percurso intelectual, ainda que, por vezes, à custa de uma problematização mais acentuada das interpretações.

Jacques Le Goff. L'Italia e la storia abre com uma intervenção de Patrick Boucheron sobre a arte da narrativa em Le Goff, explorada a partir de uma série de paralelismos com a obra de seu amigo de longa data: Umberto Eco. Jogando com os possíveis efeitos de simetria entre

os seus respetivos trabalhos, Boucheron centra-se num dos seus temas de predileção: a imbricação das narrativas literária e histórica. Assim, mostra-nos como os trabalhos clássicos do medievalista francês, como *O Nascimento do Purgatório*, *A Bolsa ou a Vida* e *A Civilização do Ocidente Medieval*, acabam desenhando uma visão "outra" da Idade Média, que encontra uma espécie de *pendant* e de *répondant* nos escritos medievalizantes do semiólogo italiano: desde *O Nome da Rosa* e *O Pêndulo de Foucault* até *Baudolino* – nas palavras de Boucheron, "o mais legoffiano dos livros de Eco". O tema central da descoberta da Itália por Jacques Le Goff é, a seguir, o objeto da excelente intervenção de André Vauchez. Retorno aos passeios do jovem Le Goff pela Roma dos anos 1950, ao deslumbramento do aprendiz de historiador por esta cidade imbuída de história, o seu inigualável património cultural e as suas bibliotecas. Com precisão de detalhes, Vauchez reconstrói o encontro precoce de Le Goff com Ruggiero Romano, Ugo Tucci e sobretudo Alberto Tenenti, os chamados "italianos de Braudel", e relembra o impacto da descoberta de Florença, Siena, Pádua, Veneza e Nápoles, onde frequentou o Istituto Croce e conheceu Giuseppe Galasso e Cesare De Seta. Mas assim como a Itália exerceu sobre Le Goff uma fascinação profunda, oferecendo-lhe temas de investigação, também ele a parece ter cativado, com a sua personalidade generosa, descontraída e com o seu insaciável apetite de conhecimento e a sua curiosidade sem limites. Junto ao grande público italiano, Le Goff atingiu uma estatura intelectual que ia além da de um grande historiador, sendo reconhecido como um pensador influente, frequentemente consultado sobre os mais diversos assuntos, assinando inúmeros artigos e entrevistas em quase todos os grandes jornais italianos, sobretudo os de orientação progressista, como o *Corriere della Sera*, o *La Stampa* e o *La Repubblica*.

Na esteira de Vauchez, também Franco Cardini dedica o seu contributo aos laços pessoais e profissionais de Le Goff com a Itália. Fala-nos de como, europeu convicto e avesso a qualquer forma de nacionalismo, Le Goff elegeu a Itália como uma segunda pátria de adoção, a par da Polónia da sua esposa, Hanka. Evocando as origens lígures da sua linhagem materna, Cardini sublinha a ligação quase "de sangue" de

Le Goff às cidades marítimas italianas, o seu interesse pelos mercadores genoveses, a afinidade intelectual que encontrou nas cidades do Norte e do Noroeste de Itália, bem como o papel desempenhado por universidades como Parma, Pavia e Turim no seu reconhecimento académico. Quanto aos temas italianos propriamente ditos, que despertaram o interesse de Le Goff e fizeram o sucesso excecional da sua obra, eles são o objeto de um outro conjunto de capítulos do volume. O texto de Jean-Claude Maire Vigueur mostra-nos, de forma convincente, como as cidades italianas constituem um tema estruturante da obra de Le Goff, dentro da qual parecem adquirir o valor de "facto social total", capaz de mobilizar simultaneamente as dimensões económica, social, jurídica, religiosa, política e simbólica, funcionando como um ponto de convergência a partir do qual se torna possível desnudar a integralidade de um sistema histórico. Sylvain Piron debruça-se, por sua vez, sobre a importante investigação acerca das ordens mendicantes, a qual, iniciada em 1966, imediatamente após o Concílio Vaticano II, mobilizou um grande número de colaboradores, ocupando durante vários anos as discussões do seminário de Le Goff na VI seção da École Pratique des Hautes Études (EPHE). No interior da sua obra, a pesquisa sobre as ordens mendicantes permanece, do ponto de vista historiográfico, como a melhor expressão de uma época há muito extinta da escola histórica francesa, então dominada por um modelo de organização do trabalho científico assente na constituição de projetos coletivos, reunindo equipas de investigadores atentos a fenómenos sociais passíveis de tradução estatística. Medievalista e, por isso mesmo, pouco à vontade com o manuseio do material quantitativo, Le Goff encontrou, neste projeto, a oportunidade de explorar a aplicação do tratamento estatístico no terreno medieval. O leitor é convidado, assim, a adentrar os bastidores deste ambicioso e importante projeto coletivo, erguido sobre a hipótese que articulava crescimento urbano à fundação dos conventos, bem como a compreender as razões que levaram ao fracasso desta investigação, que jamais resultou numa grande publicação de síntese. Por fim, Chiara Frugoni dedica a sua comunicação a uma das obras-chave da produção de Le Goff: *O Nascimento do Purgatório*, e aos debates, muitas vezes

virulentos e aqui minuciosamente retraçados, que ele suscitou dos dois lados da fronteira alpina.

Num outro registo situam-se as contribuições de Jacques Revel e de Étienne Anheim. O primeiro toma como seu ponto de partida uma declaração, não isenta de polêmica, de Pierre Nora,[1] segundo a qual Le Goff, devido à sua própria voracidade e à sua curiosidade insaciável, se teria sentido sempre mais à vontade preparando artigos do que monografias, sendo todos os seus melhores livros, a seu ver, coletâneas de artigos. Esta declaração controversa, já evocada noutros momentos no volume, é aqui revista por quem esteve, tanto quanto o próprio Nora, muito perto do trabalho de escrita e de redação de seus grandes livros. Imersão na relação do grande medievalista com a escrita da história; e, mais particularmente, no desafio enfrentado por todo o escritor, seja ele historiador ou não, ao confrontar-se a si mesmo e ao testar os seus próprios limites. Quanto a Étienne Anheim, a sua proposta consiste em retomar – num gesto que prolonga uma interrogação já esboçada pelo próprio Jacques Revel alguns anos antes[2] – um elemento central da consagração internacional de Le Goff: a sua relação com os *Annales*. Trata-se de um exercício delicado e escorregadio, muito mais complexo do que poderia deixar transparecer o papel amplamente conhecido de Le Goff como codiretor da revista *Annales* a partir de 1969, a sua eleição como presidente da VI Secção da EPHE (1972) – transformada, sob a sua presidência, na EHESS (1975) – e a sua atuação como porta-voz da *Nouvelle histoire*, herdeira dos *Annales*, ao longo dos anos 1970. Partindo das primeiras publicações de Le Goff nas páginas dos *Annales*, Étienne Anheim sublinha, em particular, a contribuição decisiva de Le Goff, enquanto leitor incansável e criativo no seio do comité de redação, bem como o papel central que aí desempenhou na definição da orientação científica da publicação como um dos principais espaços de difusão da antropologia histórica. No entanto, o maior interesse da contribuição de Anheim reside na própria dificuldade que enfrenta ao

1 Pierre Nora, "Le Goff en livres", em *Une autre histoire. Jacques Le Goff (1924-2014)*, dir. Jacques Revel e Jean-Claude Schmitt (Paris: EHESS, 2015), 141-145.

2 Jacques Revel, "L'Homme des *Annales*", em *L'Ogre historien. Autour de Jacques Le Goff*, dir. Jacques Revel e Jean-Claude Schmitt (Paris: Gallimard, 1998), 33-54.

tentar definir a que se refere ao falar em "*Annales*". Tal como Jacques Revel já havia sugerido, este percurso condu-lo a questionar a própria pertinência da etiqueta "*Annales*", que a partir dos anos 1970 designa algo distinto e maior do que a revista epónima. O que assim se vê posto em causa é, enfim, a aparente sinonímia entre a revista *Annales* e a própria ideia de uma "escola" histórica que carrega o seu nome, convidando-nos a questionar as nossas convicções sedimentadas quanto à unidade e aos contornos desse imponente legado historiográfico.

Como não poderia deixar de acontecer, o volume reúne ainda os testemunhos particularmente valiosos de Giuseppe Laterza e de Walter Barberis, representantes das duas principais editoras que não só acolheram a obra de Le Goff como também impulsionaram projetos marcantes da historiografia dos anos 1980. Giuseppe Laterza traça o retrato de Le Goff como um verdadeiro "companheiro de estrada" da editora, e relembra a publicação de mais de vinte títulos do historiador, com uma difusão que ultrapassou os 500 000 exemplares. Por seu lado, Walter Barberis, representando as edições Einaudi, sublinha o alcance singular do sucesso de Le Goff, que soube conjugar reconhecimento académico e ampla receção no espaço cultural italiano mais amplo. Recordando a publicação, em 1981, de *La civiltà dell'Occidente medievale* e de *Fare storia*, seguida, em 1982, de *La nascita del Purgatorio*, evoca esse momento especial em que Le Goff se impõe, junto da intelectualidade, da imprensa e do grande público italianos, como uma referência incontornável, afirmando-se não apenas como historiador de primeira grandeza, mas também como intelectual público plenamente reconhecido. O volume encerra com as contribuições de Jérôme Baschet e de Daniela Romagnoli. Enquanto o primeiro se foca no papel das descontinuidades na obra e no pensamento histórico de Jacques Le Goff – tópico instigante, considerando o apreço bem conhecido do medievalista pelas permanências e os sistemas de longa duração –, a intervenção final, a cargo de Daniela Romagnoli, propõe levar o leitor a um *giro del mondo* pelas traduções que asseguraram a difusão internacional do trabalho e do modelo historiográfico promovido pelo medievalista. Mostrando que a sua receção internacional esteve sempre ligada à dos *Annales*, a autora

aborda as resistências encontradas no mundo anglo-saxão e na Alemanha, o surpreendente entusiasmo pela antropologia histórica no Japão, assim como os efeitos de *décalage* provocados pela conjuntura política de determinadas historiografias (*e.g.* Espanha e Portugal, Argentina e Brasil pós-ditaduras) onde o trabalho de Le Goff acabou por encontrar um acolhimento especialmente caloroso. Merece destaque a atenção aqui dada a esses casos, onde a receção de Le Goff, já precedida pelo acolhimento da historiografia dos *Annales*, se combina com a influência do marxismo (Espanha), ajudando, aquando das transições democráticas, a expandir e a reformular a historiografia medieval, afastando-a de um enfoque exclusivamente político em favor de novos métodos de análise que ampliaram a compreensão das dimensões social e cultural, permitindo, assim, uma abordagem mais profunda e multifacetada do passado medieval.

Sem que isso retire valor à qualidade científica das contribuições, pode lamentar-se, contudo, que o formato de homenagem limite o alcance crítico do conjunto, nomeadamente no que respeita à discussão das categorias historiográficas centrais da obra de Le Goff. O tom celebratório, assumido e coerente com o projeto do livro, confere-lhe grande legibilidade e uma real qualidade pedagógica, fazendo, no entanto, com que certas tensões historiográficas, embora bem conhecidas, acabem por permanecer em segundo plano. O leitor fica, inevitavelmente, com um sentimento de insatisfação face à ausência de análise acerca do encontro entre o tipo de história praticado por Le Goff e a obra de alguns eminentes historiadores italianos. Pensemos em Ruggiero Romano, Carlo Ginzburg ou Giovanni Levi, para citar apenas alguns. Quais os efeitos produzidos, por exemplo, pelo avanço da *microstoria* italiana sobre o modelo francês de história social e das mentalidades? Qual foi o impacto das abordagens desenvolvidas em Itália a partir das décadas de 1970 e 1980 sobre o paradigma historiográfico que a França exportara orgulhosamente para o resto do mundo, deslocando os seus pressupostos e reintroduzindo de forma decisiva os jogos de escala, os constrangimentos sociais e a lógica dos atores? Com efeito, ausência de qualquer consideração acerca deste tipo de tensão produtiva entre mo-

dos de fazer história que não se sobrepõem inteiramente acaba por fazer com que a Itália surja aqui menos como instrumento de distanciamento crítico do que como espaço de reconhecimento e de fidelidade intelectual, a partir do qual se esboça uma leitura coerente, mas na maioria das vezes consensual, da obra de Le Goff. O leitor lamentará igualmente a quantidade excessiva de gralhas presentes na obra. Ela está, de facto, atravessada de ponta a ponta por numerosas falhas tipográficas, demasiadas para serem apenas meros pormenores, evidenciando a falta de uma revisão cuidadosa e o seu desleixado processo de edição. No seu conjunto, porém, *Jacques Le Goff. L'Italia e la storia* oferece muito mais do que um retrato circunstanciado da relação privilegiada de um grande historiador com um espaço intelectual estrangeiro que marcou profundamente a sua formação intelectual: contribui para uma reflexão mais ampla sobre o papel decisivo das interações transnacionais na construção de percursos historiográficos singulares. Longe de se limitar a uma homenagem, este livro convida, assim, a reler Jacques Le Goff a partir das geografias intelectuais que moldaram a sua obra e a reconhecer, nesse itinerário, uma das expressões mais fecundas dos modos de circulação das ideias, das práticas historiográficas e das formas de consagração intelectual no espaço europeu do pós-guerra.

Referência para citação:
Brandi, Felipe (2025). "Recensão a *Jacques Le Goff. L'Italia e la storia. Atti del Convegno Internazionale di Studi*, dir. Étienne Anheim, Massimo Miglio e Catherine Virlouvet.". *Práticas Da História. Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, (21), 391-399. https://doi.org/10.48487/pdh.2025.n21.45615